

NOVOS PARADIGMAS NA EDUCAÇÃO



NEW PARADIGMS IN EDUCATION

ELIANE DOS SANTOS ORLANDO

Graduação em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar pela Faculdade UNI- FEO (1999); Pós-Graduação em Currículo e Prática Docente, Artes Visuais, Museu e Arte em Educação, Psicopedagogia Institucional, Educação para Diversidade, Inclusão e Cidadania e Ludopedagogia; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental no Município de São Paulo.

RESUMO

O presente Artigo é resultado de uma Pesquisa a partir do tema “**Novos Paradigmas na Educação**” que tem como objetivo central analisar, compreender, refletir sobre a necessidade que temos em nossas práticas pedagógicas de rompermos com tudo aquilo que nos desmotiva, nos acomoda e nos faz meros reprodutores na aquisição de conhecimentos que propomos em nossa regência em sala de aula para os nossos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Urge a necessidade de trazeremos para nosso cotidiano existencial os novos paradigmas que a educação propõe em um mundo que está em constante evolução e mudanças em todos os níveis e sentidos que nos afetam diariamente. A metodologia adotada para nossa Pesquisa foi de caráter bibliográfica com abordagem qualitativa onde partimos de estudos e reflexões que autores e pesquisadores acerca do tema proposto nos proporcionaram no desenvolvimento de nosso Trabalho. Os resultados desafiam-nos em nossas práticas pedagógicas para uma nova postura respaldada por uma nova opção paradigmática, com interesse em decifrar os enigmas postos pelas questões que se passam na sociedade, atitude necessária para o desenvolvimento de processos contínuos de mudança e desvelamento dos novos paradigmas na educação.

Palavras-chave: Novos Paradigmas; Educação; Práticas Pedagógicas; Processo de Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

This article is the result of a research project based on the theme “New Paradigms in Education”, the central objective of which is to analyze, understand and reflect on the need we have in our pedagogical practices to break with everything that discourages us, makes us complacent and mere reproducers when it comes to acquiring the knowledge we offer our students in the teaching-learning process. There is an urgent need to bring into our daily lives the new paradigms that education proposes in a world that is constantly evolving and changing at all levels and in all senses that affect us on a daily basis. The methodology adopted for our research was of a bibliographical nature with a qualitative approach where we started from studies and reflections that authors and researchers on the proposed theme provided us with in the development of our work. The results challenge us in our pedagogical practices to adopt a new stance supported by a new paradigmatic option, with an interest in deciphering the enigmas posed by the issues that are happening in society, an attitude that is necessary for the development of continuous processes of change and the unveiling of new paradigms in education.

Keywords: New Paradigms; Education; Pedagogical Practices; Teaching-Learning Process.

INTRODUÇÃO

Observa-se hoje, a existência de duas realidades superpostas: o aumento da pobreza, do desemprego e da exclusão social e a expansão acelerada das tecnologias digitais que vem disponibilizando inúmeros recursos e possibilidades de aprendizagem ao longo da vida. No meio de tudo isto está a escola com os seus alunos e professores, tentando entender esses processos. Professores assustados com a violência dentro e fora da escola, alunos inseguros e medrosos em relação ao seu futuro imediato. Uma juventude sem perspectivas de vida, de emprego, de saúde mental e emocional, sem condição de pensar em ter uma vida futura digna e segura, onde ele possa realizar a finalidade de sua existência.

É um mundo globalizado, enredado, onde todos, querendo ou não, estamos entrelaçados. Ao mesmo tempo em que aumentam as redes de intercâmbios, de cooperação e de solidariedade, aumentam também as redes de desigualdades, de intolerâncias, de tráfico de drogas, de prostituição, de pedofilia, de desgraças com atentados terroristas em locais de grande concentração de pessoas pelo mundo, etc.

Estamos sujeitos tanto às incertezas cognitivas quanto às incertezas em relação aos acontecimentos que povoam a nossa realidade. O grande problema está no fato de respondermos a indagação de que na prática do professor encontram-se subjacentes modelos de educação e de escola fundamentados em determinadas teorias do conhecimento e da aprendizagem. Ao mesmo

tempo em que a educação é influenciada pelo paradigma da ciência, aquela também o determina. O modelo da ciência que explica a nossa relação com a natureza e com a própria vida, esclarece também a maneira como apreendemos e compreendemos o mundo, mostrando que o indivíduo ensina e constrói o conhecimento a partir de como ele compreende a realização desses processos.

É necessária audácia para formular novas abordagens e transformar as propostas tradicionais em ações inovadoras que inaugurem outras formas de conduzir o processo de ensino-aprendizagem. Essa mudança de postura se inicia a partir da consciência da necessidade de transformar os principais atos em sujeitos protagonistas do seu próprio processo de aquisição de conhecimento numa sociedade em constante transformação.

NOVOS PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO

Paradigma, em grego, significa exemplo ou, melhor ainda, modelo ou padrão. Na Filosofia platônica, era o mundo das ideias, protótipo do mundo sensível em que vivemos. Paradigma é um modelo abstrato nesta dimensão.

Thomas S. Kuhn que fez uso sistemático e consciente do termo paradigma em ciência. Para Kuhn, paradigmas são realizações científicas universalmente conhecidas que durante um certo período de tempo nos oferece além dos problemas as soluções modelares para a comunidade que está envolvida com a ciência.

Assim, temos, o conceito de paradigma com o sentido de indicar uma série de valores, crenças, procedimentos e técnicas comungadas por uma comunidade específica e que num conceito mais abrangente pode significar um tipo de elemento desse conjunto, isto é, as soluções efetivadas para que determinadas situações possam substituir algumas regras como base para a solução dos demais problemas da ciência normal.

Quando falamos em paradigmas, via de regra, estamos nos referindo a um modelo, a um padrão, a uma descrição que nos oriente e nos faça compreender algum fato explícito. O paradigma é um norteador de um caminho, a partir do elenco de dados que nos oferece. Paradigma é um modelo ou padrão aceito por determinada comunidade.

Kuhn (1978) introduziu este conceito a partir da descrição esquemática do desenvolvimento científico, identificando uma estrutura básica na contínua evolução dessa modalidade de pensamento. Kuhn (1978) analisa esse desenvolvimento como uma sucessão de períodos ligados à tradição, mas que se apresentam com rupturas revolucionárias não cumulativas.

A descoberta de um novo paradigma ocorre com a consciência da anomalia, isto é, quando há o reconhecimento de um erro ou falha pela natureza em relação as expectativas paradigmáticas vigentes.

Kuhn (1978) afirma que “paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (KUHN, 1978, p. 219).

A força de um paradigma reside justamente neste consenso, na força desta comunidade

científica, em determinada época. Para a passagem de um paradigma para outro, ocorre uma crise. Enquanto a ciência normal continua em suas pesquisas dentro do antigo paradigma, certas anomalias podem ser até ignoradas, pois, elas vão de encontro às regras anteriormente estabelecidas.

A ciência normal é ao mesmo tempo um obstáculo e uma garantia de precisão para um novo paradigma emergente. A crise é uma pré-condição necessária para o aparecimento de novas teorias. A partir do estabelecimento da crise há que se repensar sobre um novo paradigma que reoriente o quadro apresentado.

Um paradigma apresenta-se como superado quando um outro alternativo e mais satisfatório torna-se disponível, assimilando as lacunas e as anomalias em fatos esperados. O que geralmente acontece é que os fatos novos, a princípio, não são tão valorizados como os antigos; sua força está justamente na operacionalização de seus objetivos.

Na educação, é muito comum aceitarmos determinadas mudanças no seu contexto pedagógico e no seu currículo, sem refletirmos sobre as repercussões dessas mudanças face aos paradigmas já existentes. Na concepção de Kuhn (1978), tanto nos períodos pré-paradigmáticos como durante as crises, os cientistas desenvolvem teorias especulativas e desarticuladas que nos direcionam para novas descobertas.

Kuhn (1978) acredita que somente depois da articulação da experiência vivida com a teoria experimental e com a ratificação do que foi experimentado como novo, é que teremos a passagem para um novo paradigma.

Esse processo, chamado por Kuhn (1978) de revolução científica é caracterizado por uma consciência inicial de que existem anomalias e, pela mudança consequente das categorias de linguagem e das normas disciplinares, acompanhada pela modificação da estrutura da percepção.

A noção de paradigma permite identificar como a ciência revolucionária caracterizada pelo surgimento de um novo paradigma, que tem origem nas descobertas que não podem mais acomodar-se nos paradigmas já existentes, obriga a alterar o modo como se pensa e se descreve uma série de fenômenos naturais.

Toda a mudança de paradigma é, no fundo, uma questão de valores, que parte de determinados critérios externos à ciência normal.

Kuhn (1978) acredita que embora

os valores sejam amplamente compartilhados pelos cientistas e este compromisso seja ao mesmo tempo profundo e constitutivo da ciência, algumas vezes a aplicação dos valores é consideravelmente afetada pelos traços da personalidade individual e pela biografia que diferencia os membros do grupo (KUHN, 1978, p. 230).

Os paradigmas, então emitem juízos de valor externos à ciência normal; há que se pensar, entretanto, que esses valores se relacionam, diretamente, com quem os emite. Pensar a questão dos paradigmas já existentes na educação e tentar vislumbrar que novos paradigmas advirão nesse cenário, uma vez que temos novos dados e novos conteúdos na experiência de nossa realidade.

De acordo com os postulados de Kuhn (1978), estamos vivendo a época da modernidade (ou da pós modernidade para outros) e devemos refletir sobre os paradigmas construídos ao longo da

história da nossa cultura e da nossa civilização e verificar até que ponto eles atendem, hoje, ao que se discute como um processo educacional.

Ao propor novos paradigmas, não estamos abandonando a história da educação, seus fatos e suas tendências. Estamos querendo buscar, dialética- mente, a compreensão desses fatos e tendências a partir dos novos modelos políticos, sociais, econômicos e culturais que se impõem na nossa realidade.

O saber cada vez mais interligado com outros saberes, numa formação de uma grande teia de conhecimentos; a sensibilidade do homem, seus valores e sentimentos são colocados a prova, a todo momento, tanto a nível de con- fronto e contradição como a nível da descoberta e da assimilação; fala-se, de uma maneira bem ampla e generalizada nos movimentos que estão se infiltrando na ciência, na filosofia, na educação de forma cada vez maior a ter acei- tação e penetração na nossa sociedade.

A questão do imaginário social cada vez mais é estudada pela educa- ção, sendo relevante sua observação e interpretação. O homem não ignora mais suas paixões e o simples desejo é questionado, às vezes, como o mais complexo dos próprios desejos do homem.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS

Existe uma grande preocupação por parte dos formadores na área da educação em relação à prática pedagógica, pois é sabido que se deve traba- lhar no âmago da formação inicial para modificar o contexto da educação e os futuros professores.

Ao repensarmos a história da prática educativa, entramos em contato com as necessárias mudanças paradigmáticas na construção do conhecimento e da aprendizagem. Sabemos que mudanças só acontecem quando espíritos inquietos e inovadores questionam e refletem sobre o cotidiano.

A concepção de paradigma está relacionada com mudança de compor- tamento, postura e inquietações.

Para Moraes (1998)

Paradigma, na ótica de Kuhn, é uma realização científica de grande envergadura, com base teórica e metodológica convincente e seduto- ra, e que passa a ser aceita pela maioria dos cientistas integrantes de uma comunidade. É uma construção que põe fim às controvérsias existentes na área a respeito de determinados fundamentos. A partir do momento em que existe um consenso por parte de um grupo de cientistas sobre determinadas ocorrências ou fenômenos, começa uma sinergia unificadora ao redor da nova temática (MORAES, 1998, p. 31).

Na área educacional nota-se que este processo acaba por ocorrer muito mais teoricamente do que em situações práticas, porém vale ressaltar os pen- samentos de Freire (1992) no que diz respeito à ruptura de amarras.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão con- denando a desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fa- zemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 1992, p. 99).

Os estudos de Thomas Kuhn trouxeram à tona o uso do conceito de pa- radigma nos anos

1970/80, que era utilizado desde Platão como significado de modelo. Ao recuperar o conceito de paradigma, Kuhn associa a busca de modelo visando à transformação e ampliação do conhecimento. Mas, para dar um suporte a esta nova postura no século XXI, o professor precisa ter o embasamento e subsídios teóricos para justificar a sua prática pedagógica.

Behrens (2006) complementa afirmando que

O professor, ao tomar o novo paradigma na ação docente, necessita reconhecer que complexidade não é apenas um ato intelectual, mas também o desenvolvimento de novas ações individuais e coletivas que permitam desafiar os preconceitos, que lacem novas atitudes para encarar a vida, que gerem situações de enfrentamento dos medos e das conquistas (BEHRENS, 2006, p. 21).

Precisamos compreender como vem se estruturando o triângulo pedagógico: aluno, professor e saber no decorrer da história da educação, sem deixar-nos atrair e influenciar por um dos três vértices do triângulo. Segundo Meirieu (1998) “[...] pode-se também analisar o triângulo pedagógico considerando seus lados ao invés de seus ângulos [...]” (MEIRIEU (1998, p. 80). Num movimento dialético onde existe circularidade de relações torna-se meramente impossível ignorar os fenômenos afetivos, de transferências e contratransferências que estão presentes em sala de aula.

Eyng (2006) ao formular questões da ação docente, diz-nos que essa ação implica a mobilização de um tripé o professor-aluno-conhecimento, e mais à frente complementa que cada teoria, tendência, abordagem, escola ou paradigma possibilita a formação de um tipo de homem (aspecto antropológico) e um tipo de finalidade (aspecto teleológico).

A prática pedagógica, no interior da escola, está vinculada aos paradigmas conservadores, que por sua vez estão conectados aos paradigmas da ciência newtoniana-cartesiana. Muitas foram as consequências e influências deste paradigma, conforme Moraes (1998, p. 36) *o dualismo entre matéria e mente, corpo e alma, teve profundas repercussões no pensamento ocidental, com implicações nas mais diferentes áreas do conhecimento humano*. Estes paradigmas ao influenciarem a educação, contribuíram para a fragmentação do conhecimento: divisão por séries, em conteúdos, itens etc.

Portilho e Beltrami (2006), afirmam que os professores são frutos de um ensino em que não se privilegiava o pensar. De certa forma, era proibido transformar a informação em conhecimento, ser criativo e autônomo. Enfim, era proibido aprender. Behrens (2005) complementa, “a abordagem é referendada por uma visão cartesiana, a metodologia fundamenta-se em quatro pilares: escute, leia, decore e repita”.

O intelecto era demasiadamente valorizado, o conhecimento apresentava-se fragmentado e o estudo focalizava as partes e não o todo. Esta fragmentação, sem dúvida, ainda é um dos resquícios mais salientes em nossa educação, e por ter sido um processo de repetição não acionou os mecanismos cognitivos necessárias para a construção do verdadeiro conhecimento.

Com a intenção de superar o modelo newtoniano-cartesiano, novas abordagens surgem para dar outro significado à prática pedagógica dos professores. O positivismo reforçou a visão científica e racional de ver os fenômenos do universo. A forte influência do pensamento cartesiano separou a emoção da razão, o corpo e a mente, ciência e a ética e o objetivo e o subjetivo.

Behrens (2005), esclarece

O século XX manteve a tendência do século XIX, fortemente influenciado pelo método cartesiano - a separação entre mente e matéria e a divisão do conhecimento em campos especializados em busca de uma maior eficácia. Esta forma de organizar o pensamento levou a comunidade científica a uma mentalidade reducionista na qual o homem adquire uma visão fragmentada não somente da verdade, mas de si mesmo, dos seus valores e dos seus sentimentos (BEHRENS, 2005, p. 17).

No final do séc. XX, com o advento de novas tecnologias e da globalização, começa o movimento da “Sociedade do Conhecimento”, excludente, pois o país ainda mantém as diferenças econômicas e sociais gritantes, mas, mesmo assim, esta vem em detrimento da sociedade de produção em massa. Esta mudança paradigmática da sociedade fez com que saíssemos da reprodução e entrássemos também na era da produção do conhecimento.

A busca de novos ambientes de aprendizagem, mais às necessidades de nossas crianças e ao mundo como ele hoje se apresenta, levou-nos a procurar um novo referencial para a educação, tendo em vista a gravidade dos problemas enfrentados não apenas no setor educacional, mas também nas mais diferentes áreas do conhecimento humano (MORAES, 1998, p 29).

Na concepção de Cunha e Leite (1996) este novo paradigma tem como foco o conhecimento como base na localização histórica da sua produção e entende-o como provisório e relativo, valorizando assim, a ação reflexiva e a disciplina adotada como a capacidade de estudar, refletir e sistematizar o conhecimento.

Da busca da ruptura do paradigma cartesiano-newtoniano nasce uma nova proposta conhecida como Paradigmas Inovadores que também são conhecidos como da Complexidade ou Emergente. A valorização agora é pelo saber, o conhecimento e a aprendizagem, ou seja, trata-se de uma sociedade do aprender a aprender.

Realmente, a riqueza de um país ou de uma nação já não é mais medida em termos de recursos naturais de que dispõe. Já não é o ouro nem o cobre, nem mesmo o urânio ou o petróleo, o que determina a riqueza de uma nação. É sua capacidade de aprendizagem, seus recursos humanos (POZO, 2002, p. 32).

Nasce um novo paradigma, e Behrens (2005) o apontou como uma das principais propostas à superação da cópia, da memorização, da visão linear mecânica, reducionista e da fragmentação.

O universo material é visto como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas resultam das propriedades das outras partes, e a consciência global das suas interrelações determinam a estrutura de toda a teia (CAPRA, 1996, p. 48).

Essa nova mudança paradigmática tem como pressuposto central a transformação social e propõe as parcerias críticas e reflexivas entre professor e aluno.

O professor mediador, com sua relação dialógica, provoca a mobilização que tem como tarefa principal a união da fala do aluno com a realidade em questão. Isso provoca ações articuladas que buscam a transformação da realidade.

Paulo Freire foi o difusor desta abordagem no Brasil, buscando a transformação social por meio da reflexão, do diálogo e da criticidade. Neste processo, professor e aluno crescem juntos, numa relação horizontal; ambos são sujeitos do processo, buscam a mediação do saber elaborado e a construção do conhecimento.

Para Behrens (2005), nesta abordagem, o aluno precisa ser instigado “[...] a fazer acontecer e

a aprender a aprender” (BEHRENS, 2005, p. 84). O aluno investiga, questiona e produz, é frequentador de bibliotecas, laboratórios e de grupos de estudos e com isso argumenta e contra argumenta. As expressões reflitam, defendam suas ideias, projetem, argumentem, discutam, construam, critiquem, são as palavras de ordem destas novas propostas.

A produção de conhecimento, por meio do ensino com pesquisa, acontece por intermédio de processo de investigação. A escola assume o papel de um ambiente inovador e participativo, favorecendo a produção de conhecimento. A pesquisa surge como questão fundamental para esta produção.

A pesquisa admite uma lógica totalmente diferente. A dúvida é sua companheira permanente e o erro é considerado importante no processo de construção do conhecimento. O conhecimento é sempre provisório, um processo que se refaz a cada momento (CUNHA; LEITE, 1996, p. 122).

Tanto professor, quanto aluno passam a ser vistos como uma pessoa inteira, que pensa, sente, age e interage com emoção e espiritualidade; que sabe que o aprender requer desejo e prazer, além de sensibilidade e que busca, a visão do todo, na progressista, a transformação social e, na de ensino com pesquisa, seres pensantes, articuladores e autores de ideias e ações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que por conta da fragmentação do conhecimento, ocorreu uma perda de referencial separando o todo das partes, o corpo da mente, a ciência da ética. Assim, estas novas propostas aparecem num período necessário para o nascimento de novos paradigmas e esperança de novos rumos para educação.

As pessoas que utilizaram a reprodução do conhecimento tiveram sucesso nas escolas - o bom aluno era aquele que reproduzia tal e qual a fala do professor. Frente a esta constatação é preciso ressignificar o olhar para a reflexividade em sala de aula.

Antes de tornar o aluno uma pessoa reflexiva, é preciso que o professor faça a sua própria conversão. Necessitamos de diálogo entre pares para troca de experiências e crescimento, pois os embasamentos teóricos foram e continuam a ser moldados por filósofos, pedagogos e outros pensadores que enriquecem o caminhar da educação propondo tendências que guiam os pensamentos e ações.

A formação do indivíduo integral é uma das preocupações atuais da educação.

Os conhecimentos são propostos nas disciplinas de maneira fragmentada e dificultam a conexão entre o homem e o universo. Os alunos têm dificuldade de perceber o sentido de ser humano, pois estudam os conteúdos para fazer provas e não para aprender a viver (BEHRENS, 2006, p. 25).

A nossa visão de mundo passa pelos nossos paradigmas, que também afetam nossas tomadas de decisões. Precisamos ir além deles. Acreditamos que o questionamento e as dúvidas pedagógicas são desafios na formação deste professor que não conseguiu suprir as próprias limitações, principalmente o profissional que não teve uma prática didática eficiente e suficiente em sua formação.

A busca destes novos paradigmas seja a grande possibilidade de um crescimento, em que possamos aliar, com destreza, os aprendizados adquiridos na prática profissional com os conhecimentos didáticos, e assim “transformar” este conhecimento, tornando a sala de aula, muitas vezes sentida como um ambiente hostil e tenebroso, naquilo que ela deve ser exatamente: um lugar para crescer, expandir, transformar e criar.

Poderíamos dizer, sem sombras de dúvidas, que os novos paradigmas na educação deverão contemplar além de toda a dimensão crítico inerente ao processo educacional, a questão da construção do conhecimento e a questão da subjetividade encontrada no campo da afetividade.

A partir desse advento, a educação não será tratada como um mecanismo de manipulação da sociedade por onde escoam os ditames do progresso e do desenvolvimento; eles ocorrerão, sim, pela vontade e participação do homem que pensa, que se emociona que age, que sofre e que ama.

Para uma sociedade acima de tudo mais justa e mais humana, não precisamos de mudanças de paradigmas que valorizem a perspectiva cartesiana de seus objetivos; queremos alargar o espectro de nossas ações e quase que num desafio educacional ir em busca do que chamaríamos de uma libertadora, transformadora onde o ser humano é o protagonista do seu próprio processo de vir-a-ser.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: BEHRENS; MASETTO; MORAN. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigma da Complexidade: Metodologia de Projetos, Contratos Didáticos e Portfólios**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BRANDÃO, Denis; CREMA, Roberto. **O Novo Paradigma Holístico**. São Paulo: Summus, 1991.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASANOVA, M. A. **Diseño Curricular e Onnovación Educativa**. Madrid: La Murralla, 2006.

CUNHA, Maria Izabel; LEITE, Denise. **Relação Ensino e Pesquisa**. In: ALENCASTRO, Ilma. (Org.). **Didática: O Ensino e suas Relações**. Campinas: Papirus, 1996.

EYNG, M.A. **Os Fundamentos da Ação Docente nas Diferentes Tendências Pedagógicas: Implicações Curriculares**. Curitiba: PUCPR, 2006.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. **Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente. A Teoria das Inteligências Múltiplas.** Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- IANNI, Otávio. **A Crise dos Paradigmas em Sociologia.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 13 (5), 1990.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática.** Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- MEIRIEU, Philippe. **Aprender ... Sim, mas Como.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente.** Campinas: Papirus, 1998.
- NÓVOA, A. (Org.). **Os Professores e sua Formação.** Lisboa: Dom Quixote: 1992.
- NÓVOA, A. **Formação de Professores e Profissão Docente.** In: NÓVOA, A. (Org.). **O Professor e sua Formação.** Lisboa: Dom Quixote: 1992.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e Mestres: A Nova Cultura da Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade: O Currículo Integrado.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.